

Figurações do trabalho em *A Menina Morta*, de Cornélio Penna

Admarcio Rodrigues Machado

Resumo

Sem pressupor que o escritor Cornélio Penna decalca a realidade objetiva do tempo histórico da escravidão, mas inventa figurativamente a memória desse tempo passado, o presente estudo objetiva expor o modo como o romancista dá representatividade ao Trabalho no livro *A menina morta* (1954). Entendendo com Marx que o Trabalho é “uma condição de existência do homem”, pretendemos investigar algumas cenas desse romance buscando analisar como o Trabalho figura nessa obra. De fato, o Trabalho ganha diversos tons ao longo de todo o livro: seja na cena inicial em que o escravo José Carapina fabrica o caixãozinho da menina recém-falecida, seja nos momentos em que a “criadagem” arruma a mesa dos patrões para em seguida retirar dela uma variedade de comida também feita por escravos, seja ainda quando as primas agregadas disputam com a governanta alemã Frau Luísa quem costurará o vestido de casamento da outra filha, Carlota. Nesse sentido, acreditamos que, se na superfície do romance, o romancista parece recusar seu próprio tempo como matéria narrável, compondo sua discutível fama de alienado, é inegável a presença maciça de diversas personagens trabalhando nessa ficção. Assim o que se vê nessa obra é a relação tensa entre dois tempos: o tempo do escritor, que ele recusa, e o tempo sobre o qual ele escreve. Em outras palavras, recusando seu tempo como matéria ficcional, Cornélio Penna efetua um recuo temporal que lhe permite observar a dinâmica do Trabalho, dos escravos e dos agregados do livro. Incorporada ficcionalmente na tessitura do romance, essa dinâmica lança luz sobre o processo de formação da identidade do Brasil: um país formado por uma classe trabalhadora, que raras vezes teve representatividade, mesmo na ficção.

Palavras-chave

Cornélio Penna; *Menina Morta*; figurações; trabalho; romance

1 Doutorando em Literatura Brasileira – USP. E-mail: admarcio_rodrigues@yahoo.com.br

Este texto é fragmento de um trabalho em andamento que analisa a construção da memória do passado por meio da invenção no ato de elocução da voz que narra em *A Menina Morta*, de Cornélio Penna. A questão da invenção é parte essencial do problema da forma romanesca, e a invenção da memória do passado parece especialmente central neste romance por ao menos três razões.

Primeiro, a forma moderna dessa obra recusa a oposição entre literatura e história, transpassando outras grandes antíteses modernas, como verdade e ficção, real e imaginário, história oficial e testemunho de vida.² Resultando a narrativa em um composto onde os gêneros aristotelicamente separados emaranham-se como tecidos permeáveis que lembram as linhas da vida. Segundo, é evidente o esforço do autor em situar a narração no tempo histórico coincidente com escravidão no Brasil. Tanto é assim que esse aspecto, vinculado à temática do trabalho escravo abordada nesse romance, rendeu-lhe o seguinte elogio de Augusto Frederico Schmidt, “Não se terá escrito sobre a escravidão no Brasil, até hoje, nada mais impressionante do que alguns dos capítulos de *A Menina Morta...*” (PENNA, *RC* (1958), p. 723). Por fim, porque a escolha desse tempo específico, passado, produz um distanciamento entre a época do autor e o tempo dos eventos narrados que parte da crítica entendeu como alienação de Cornélio Penna.

Embora façamos a hipótese que a abordagem da questão do trabalho escravo requer o esforço crítico de reinventarmos um tempo que precisou ser inventado ficcionalmente para a produção da verossimilhança do livro, ressaltamos, porém, que nossa atenção se voltará para a questão do *trabalho*, tal como este comparece associado ao tempo da escravidão nesse romance.

Assim, para analisar figurações do trabalho no romance *A menina morta*, recorreremos aqui ao conceito de *trabalho*, conforme ele se apresenta em escritos de Marx, fundamentalmente nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844* e *O Capital*. Partimos

² Sobre a relação entre vida e obra, mas sem pretender decalcar a obra da biografia de Cornélio Penna, vale lembrar que a escrita de *A Menina Morta* teria sido motivada por um quadro que ele ganhou: “O quadro representa uma menina morta prestes a ser deitada em seu caixão branco. A idade da menina morta não é revelada, mas não tinha sequer oito anos.” (*RC*, p. 723). Ainda segundo Schmidt, que viu esse quadro, “Trata-se de pessoa da família do Penna, de uma de suas tias bisavós, ou de uma prima distante.” (*idem*).

dessas duas obras por entender que, embora o conceito de trabalho nelas apresentado possua idiossincrasias, ele apresenta uma espécie de unidade que permitiria pensar num conceito geral de trabalho em Marx. Essa unidade seria garantida pelo trabalho alienado e pela subordinação do trabalho ao capital. Se antes do domínio da burguesia o trabalho deu existência ao capital, na forma de vida burguesa o capital produz o trabalho. Agora o trabalho é fruto do capital; aquele é a finalidade deste. Observemos então, sucintamente, a gênese do conceito de trabalho segundo Marx. Como é sabido, o conceito de trabalho percorre praticamente toda a obra de Marx. Pois é a partir do entendimento do modo como o trabalho se dá na sociedade burguesa que Marx formula sua crítica da economia política, a qual é inseparável de sua teoria econômica, que por sua vez supõe o trabalho humano como categoria fundamental para a mudança histórica. Dito de outro modo, para esse pensador a realidade (História) é resultado da atividade prática do homem. Portanto, ela é construção por meio do trabalho. “O homem é o resultado de sua própria atividade produtiva” (MOURA, 2012, p. 9).

Para Marx, por meio do trabalho, o homem produz a si mesmo, pois o homem resulta de sua atividade produtiva:

Como criador de valores de uso, como trabalho útil, o trabalho é, assim, uma condição de existência do homem, independente de todas as formas sociais, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana. (MARX, 2011, p. 94)

Nesse sentido, a História enquanto História do homem é o resultado de sua própria atividade, é criação coletiva de sucessivas gerações. O homem, ao produzir a si mesmo, produz, por consequência, a própria História, a cultura. Podemos propor então que metaforicamente o *homem é História*. Sendo assim, poderíamos pensar as diferentes atividades humanas como construtoras de diferentes histórias.

Aplicada à ficção de Cornélio Penna, essa metáfora permite vislumbrar diferentes “histórias”, realidades, compostas de variadas figurações do trabalho no romance ora analisado, *A Menina Morta*. Especifiquemos, então, como o trabalho ganha representação nessa obra, enfocando o trabalho escravo e os agregados nesse romance.

Simone Rossinetti Rufinoni (2010) analisa a relação entre meios e fins no sistema produtivo da fazenda cafeeira do Grotão, a partir da figura dos escravos. Segundo essa autora, com a qual concordamos neste aspecto, toda a dinâmica dessa fazenda gira em torno do trabalho escravo ou daquele realizado pelos agregados. De fato, o romance inicia-se com uma cena de trabalho: “a velha negra” Lucinda conversa com D.^a Frau Luísa, supostamente alemã, sobre a mortalha que confeccionam: “Sobre a cadeira estavam já prontas a pequena camisa decotada, as meias de seda branca e os borzeguins feitos à mão, destinados à menina morta.” (PENNA, *RC* (1958) - Cap. I, p. 729). Dando continuidade a esse trabalho para a morte, o capítulo II nos apresenta a feitura do caixão da menina morta:

Sobre a mesa colocada bem no centro da sala do oratório (...) devia ser posto o penqueno caixão de cetim branco, nesse momento quase terminado por José Carapina, e fora esse *trabalho* demorado, porque o *escravo* o fazia sem enxergar bem o que tinha diante de si, de tal modo seus olhos estavam nublados. (*RC*, Cap. I, p. 733, grifo nosso)

Nota-se que o romance inicia-se *in media res*. Nesse momento, ainda não sabemos quem é a menina morta, bem como ignoramos sua importância no enredo. Mas, desde o início, já sabemos “estar morta a Sinhazinha-pequena” (*RC*, p. 736), bem como já fomos abruptamente inseridos no mundo do trabalho, pois a atividade exercida por José Carpina, sem visar ao lucro, nessa passagem especificamente, orienta-se pela lógica capitalista da pior espécie, é trabalho escravo.

Ao longo da trama, diversas outras figurações do trabalho, quase sempre o de caráter escravista, comparecem na obra. Como em qualquer outra indústria moderna, a organização da fazenda se subdivide: há fundamentalmente os chamados escravos de eito e os escravos da casa, estes quase sempre do sexo feminino. E na casa-grande há ao menos outra subdivisão: escravas da cozinha e escravas de arrumação (da mesa, das senhoras...). De modo que a dinâmica do Grotão não prescinde desse tipo de mão de obra. Até mesmo na hora da alimentação é o trabalho escravo que prepara a comida e a decoração, assegurando a imagem de poder da fazenda:

As duas mucamas de serviço na copa, e o moleque que as ajudava, passavam pelo corredor com as duas mãos carregadas de fartas travessas de louça da Índia, que vinham fumegantes da cozinha e espalhavam pela casa toda os odores das iguarias familiares. A mesa tinha sido coberta por grande toalha de pesado linho, de olhos nas bainhas, e bem no centro fora posta uma jarra branca cheia de flores, cujos galhos se abriam livremente para todos os lados. (RC - Cap. XXIV, p. 852)

A cena desfila diante dos nossos olhos a opulência da fazenda. Impressionam a quantidade de vasilhas, “fartas travessas” (no plural), e a origem delas, “louça da Índia”, bem como o tamanho da “grande toalha de pesado linho”. Entretanto, se estes são signos de riqueza, a referência às “duas mucamas de serviço” e ao “moleque que as ajudava” - assim como a metonímia legível em “duas mãos”, compondo seis mãos carregadas - põe em evidência a realidade que a história oficial e oficiosa do Brasil insiste em esconder: toda essa imponência deliberadamente ostentada é fruto de trabalho escravo. Revelando a riqueza do Grotão, a composição, ironicamente esconde os rostos que produzem sua fortuna.

Dito de outro modo, se a presença do escravo é fundamental para o bom andamento das engrenagens do sistema que compõe a fazenda, “o viés verossímil impede sua voz” (RUFINONI, 2010, p. 105); os escravos, bem como os trabalhadores do livres do Grotão, são impelidos ao silêncio. Se historicamente essas figuras foram caladas por uma organização social que lhes restringe lugar de fala, na composição e distribuição dos diversos discursos que se cruzam na narrativa, há um processo mimético dessa historicidade, na medida em que esses são os “tipos sociais” menos privilegiados quanto aos turnos de fala. Nesse sentido, embora o livro fale da escravidão, essa fala é efetuada por uma voz narrativa consciente de que “É interesse de todos que a esfera do trabalho compareça camuflada...” (RUFINONI, *ibidem*). Assim, o romance se propõe a falar dos escravos, mas quase nunca os deixando falar. É, portanto, um romance *sobre* os escravos e outros trabalhadores, mas não um livro *de* escravos e demais trabalhadores.

Refletindo sobre as causas do apagamento da voz dos escravos no romance, poderíamos pensar, ainda segundo Rufinoni, que esse mecanismo de obliteração se deve

ao fato de que no Grotão, menonímia do Brasil, “A modernidade da empresa agrícola convive com modos arcaicos de trabalho. O sistema moderno e civilizatório compartilha da condição arcaizante da escravidão e do favor.” (RUFINONI, 2010, p. 105-106).

Se a organização do trabalho na fazenda com suas delimitações das diferentes funções (escravo da casa e negros do eito...) lembra a moderna divisão do trabalho, imitando uma típica empresa capitalista urbana, a utilização mesma da mão de obra escrava na fazenda descaracteriza esse local como espaço compatível com o sistema de produção moderno.

O trabalho, principalmente em sua forma escravocrata, envergonha, ilegitimando a aparente legitimidade do processo de produção operante no Grotão. Nesse sentido, o fundo, a “instalação”, por assim dizer, é moderna; a forma (os meios - a mão de obra - e conseqüentemente o sistema como um todo, que por ela está contaminado) revela-se arcaica. É prudente, portanto, recalá-lo, pois revelá-lo implicaria exhibir parte da história do Brasil. Invertendo agora nossa metáfora inicial propomos que a *História é o homem...* Nesse caso, os escravos e escravas, que labutam aguardando ansiosamente a chegada de Carlota, falsa menina morta investida de levar dias mais esparançosos ao Grotão.

Referências bibliográficas

LIMA, Luiz Costa. *O Romance em Cornélio Penna*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

MOURA, Gedeão Mendonça de. *O Conceito Marxiano de Trabalho*. Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Filosofia. Salvador: UFBA, 2012.

MARX, Karl. *O Capital. Livro I*. (Trad. Rubens Enderle). São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. (Trad. Jesus Ranieri). São Paulo: Boitempo, 2009.

PENNA, Cornélio. *Romances Completos*. Rio de Janeiro: José Aguillar, 1958.

RODRIGUES, André Luis. *Fraturas no Olhar: Realidade e Representação em Cornélio Penna*. Tese apresentada ao DLCV- USP, para obtenção do título de Doutor em Letras. 2006.

RUFINONI, Simone Rossinetti. *Favor e melancolia: estudo sobre “A Menina Morta”, de Cornélio Penna*. São Paulo: Nankin: EDUSP, 2010.